

## 5

### Conclusão

O caminho traçado nesta dissertação pretendeu percorrer, através das crônicas de Lobo Antunes, uma breve amostragem do habitat urbano e sua relação com o homem contemporâneo, perpassando desde os pequenos e íntimos cantos vividos no passado, e próprios dos espaços privados da memória no presente, aos labirintos e encruzilhadas presentes nos lugares e não-lugares dos aglomerados urbanos atuais. Da mesma forma pretendeu alcançar os estímulos, fornecidos pelo autor, para a descoberta de novas vias alternativas à inércia, à impotência ou à anestesia vigentes no mundo atual.

Este universo antuniano, protagonizado por personagens adultos que vivem no limite entre os processos de adaptação constante e as sensações de inadequação, faz pensar no ambiente mostrado no filme “Tempos modernos” de Charles Chaplin. Recorte preciso daqueles tempos, “Tempos modernos” parece ter sua representação atualizada no filme “Blade Runner, O Caçador de andróides”, de Ridley Scott, ou seja, “Tempos modernos” apresenta, em 1936, através do genial personagem Carlitos, o homem sendo engolido pela máquina e pelo capitalismo, além da patente fragmentação estabelecida pelo *fordismo* e sua linha de montagem. As angústias e incertezas brotadas então, são levadas ao extremo por Ridley Scott quando, ao criar, em 1982, um distante e pessimista cenário para os centros urbanos ambientados em 2019 para o filme “Blade Runner”, acaba por definir uma alegoria da contemporaneidade. Esta ficção mostra as várias faces de uma cidade, cuja sofisticada tecnologia, marcada por torres de edifícios e automóveis voadores, convive com um submundo primitivo e miserável, marcado por um ambiente de eterna noite, onde vivem humanos e andróides. Esta fantasia nua e crua quando vista hoje, do lado de fora das telas do cinema, é muito semelhante à realidade das grandes cidades e de seus habitantes, pois não conseguem disfarçar o ambiente sujo e desigual que existe efetivamente, apesar de travestidas em brilhos e *glamour* pelos simulacros que fazem confundir

os limites entre a ficção e realidade e as características que distinguem uma cidade de outra e uma pessoa de outra.

Desta maneira, as crônicas de Lobo Antunes, apesar de serem textos ficcionais, acabam por traçar uma imagem mais abrangente e representativa da sociedade, pois contextualizam o *sujeito da oração* e localizam, nos diversos predicados, os sentimentos do homem consigo, com o outro, com seu espaço privado, a cidade e o mundo.

Um dos aspectos mais angustiantes que a contemporaneidade fez aflorar diz respeito à consciência da inexistência de uma realidade única, ou de uma verdade absoluta, o que se evidencia pela crise da história, questionada por seu olhar uniforme, tendencioso e parcial. Esta constatação reforça a possibilidade de que se possa dar uma nova dimensão à ficção, pois, justamente pela desvinculação de um compromisso com a realidade, e por não ter pretensões a ser ciência, traz em sua liberdade de expressão e seu universo, as múltiplas realidades sentidas e vividas pelo homem. Seu contexto permite as contradições e os barbarismos, dá asas à fantasia e ouvidos à bizarrice e, principalmente capta e expõe os sentimentos escusos, proibidos e anti-sociais. Assim, a ficção pode trazer em seu bojo, em seu continente, o espírito do homem e de seu mundo. Com isso, o ato solitário da leitura facilita a identificação do leitor, compondo realidades e fantasias publicamente renegadas. Esta importância foi antevista também por Freud que, ao se referir à obra literária, comenta:

Os poetas e os romancistas são aliados preciosos, e o seu testemunho merece a mais alta consideração, porque eles conhecem, entre o céu e a terra, muitas coisas que a nossa sabedoria escolar nem sequer sonha ainda. São, no conhecimento da alma, nossos mestres, que somos homens vulgares, pois bebem de fontes que não se tornaram ainda acessíveis à ciência. 1

Lobo Antunes não precisa “beber de fontes”, pois tal como o personagem “Obelix”, das histórias em quadrinhos “Asterix, o gaulês”<sup>2</sup>, que quando criança cai no caldeirão de poção mágica, parece ter caído num caldeirão de inquietude e sede, pois não esbarra nem toca ou teoriza o *chão movediço* da contemporaneidade, mas submerge e propõe a “aventura [...] ao negrume do

---

1 FREUD, Sigmund. *As Palavras de Freud*. São Paulo: Atica, 1999.

2 UDERZO, A.; GOSCINNY, R. *Asterix*, 1959

inconsciente, à raiz da natureza humana.”<sup>3</sup> O autor parece exprimir a insegurança do movimento e não tomar distância para analisar, mas para vivenciar e explorar o conjunto e, sobretudo, tentar amenizar a angústia gerada pela busca de compreensão do lugar que o homem comum contemporâneo ocupa no seu próprio espaço interno e no espaço do mundo:

Nós somos casas muito grandes, muito compridas. É como se morássemos apenas num quarto ou dois. Às vezes, por medo ou cegueira, não abrimos as nossas portas. <sup>4</sup>

Esta é a proposta e a convocação que Lobo Antunes faz: a de abrir portas. Por isso, acredito que Lobo Antunes tem muito a contribuir para uma maior consciência do mundo que nos cerca, pois o autor funde em suas crônicas, os tempos e os espaços internos do ser humano aos tempos e espaços de sua ficção. Além disto, ao trabalhar magnificamente com o imaginário, o autor estimula a fantasia e o sonho, matérias primas para a criação e vida.

Não somos números, porcentagens ou dados e, como diz Certeau o homem sempre descobre alternativas para sobreviver, criando recursos para facilitar os seus percursos. Isso fica evidente quando se percebe em uma praça pública uma *cicatriz* de pegadas entre os canteiros gramados. Uma cicatriz feita, passo a passo, pelos pedestres que percebem que quando andam pela diagonal, cortam caminhos e, desta maneira criam os atalhos necessários para enfrentarem as adversidades.

**FIM**

---

<sup>3</sup> ANTUNES, António Lobo. “Receita para me lerem”. IN: Op. Cit. P. 110.

<sup>4</sup> ANTUNES, António Lobo. In: Diário de Notícias, 2004.